



ORIENTE MÉDIO

Atentado frustrado em voo para Israel

Copiloto da companhia Flydubai esfaqueia o piloto e tenta derrubar o avião, com 166 israelenses entre os 174 passageiros. Premiê denuncia “ação terrorista” na reta final para a eleição do dia 27 e elogia os “heróis” que dominaram o agressor

Jack Guez/AFP



Passageira do voo desviado embarca em táxi após a chegada ao Aeroporto Ben Gurion, em Tel Aviv: cenas de terror a bordo

AFP



O premiê com Yaniv Hayun, que enfrentou o copiloto: “Você foi incrível”

segurança israelense armado e à paisana, prática usual nas viagens com origem ou destino no país.

Na véspera, Netanyahu reuniu-se com o líder da oposição, Yair Lapid, para,

segundo disse, “compartilhar um alerta” para o risco de ações terroristas antes da eleição para o Knesset (parlamento), marcada para 27 de outubro. Mais cedo, o premiê havia postado um vídeo no qual, diante de um avião militar, citava “indícios de que os inimigos tentarão nos atacar” antes da votação. À saída do encontro, Lapid acusou o adversário de “espalhar o pânico” para tirar dividendos nas urnas. Pesquisas de opinião apontam uma disputa acirrada, com a possibilidade de o bloco opositor superar a atual coalizão governista.

O diretor-geral do Ministério das Relações Exteriores, Eden Bar Tal, enviou nota “aos embaixadores e chefes de representação, em todo o mundo”, na qual caracteriza o assalto frustrado ao voo da Fludubai como “um atentado terrorista contra os israelenses, os Emirados Árabes Unidos e os Acordos de Abraão”, referência ao acordo patrocinado pelo presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, para normalizar as relações entre os dois países, em 2020.

Alívio e gratidão

Um segundo avião da Flydubai, enviado a Tabuk, pousou à tarde em Tel Aviv

Ahmad al-Rubaye/AFP



Iraquianas festejam a partida dos americanos lembrando milicianos xiitas mortos em bombardeios dos EUA

sustenta que elas não teriam mais “desculpas” para manter seus arsenais. “É necessário, agora, enfrentar a presença de unidades armadas fora da autoridade de Estado”, diz um comunicado conjunto dos líderes dos três poderes constitucionais. Inicialmente, o governo estabeleceu 30

com os passageiros do Boeing atacado, todos ilesos, embora ainda marcados pelos momentos de horror a bordo. “O avião estava realmente a ponto de cair”, contou Miryam Shira Ohayon, que agradeceu “às pessoas que conseguiram controlar e neutralizar o copiloto. De acordo com os relatos, ele foi amarrado com os fios de fones de ouvido. “Foi como se tivéssemos uma grande turbulência, mas não havia turbulências”, descreveu Almog Italie à agência de notícias France-Presse (AFP). Segundo observou, mesmo quando se deram conta da luta na cabine, “as pessoas mantiveram a calma, não houve histeria”.

Em um dos vários vídeos gravados a bordo, e reproduzidos em larga escala nas redes sociais, um dos passageiros que imobilizaram o agressor, ainda com uma ferida aberta na testa, registra a ocorrência e pede ajuda a quem acesse o conteúdo. “Estamos aqui durante um ataque no avião. Acabamos de neutralizar os terroristas e nos preparamos para aterrissar”, informa. “Se alguém me ouvir: precisamos de ajuda. Estamos prestes a aterrissar em Tabuk, aparentemente na Arábia Saudita. Uma área desconhecida. Todos os passageiros estão bem, exceto o piloto.”

A uma semana do terceiro aniversário dos ataques do Hamas contra Israel, que terá uma eleição legislativa crucial dentro de menos de um mês, um voo da companhia Flydubai com destino a Tel Aviv foi alvo de uma tentativa de atentado suicida quando sobrevoava a Jordânia. O copiloto esfaqueou o piloto e colocou o avião em queda brusca, mas foi dominado por passageiros israelenses — que somavam 166 entre os 174 a bordo. Dois pilotos que, por coincidência, viajavam sem integrar a tripulação assumiram o comando e pousaram no aeroporto de Tabuk, na Arábia Saudita. O primeiro-ministro Benjamin Netanyahu, que conversou em pessoa com um dos protagonistas do episódio, denunciou uma “ação terrorista” e lembrou que, ainda na véspera, tinha alertado sobre o risco de atentado contra o país na reta final da campanha eleitoral.

“Foi simplesmente inacreditável o que você fez”, disse o premiê ao passageiro, a quem classificou como “um grande herói”. “Não somos uma nação de leões?”, respondeu Yaniv Hayun. Ele relatou que decidiu forçar a entrada na cabine, ajudado por outro viajante israelense, quando o avião mergulhou de 34 mil para 15 mil pés de altitude em meio minuto — “uma montanha-russa”, como descreveu outra passageira. “O piloto (esfaqueado) estava muito perto da porta, mas conseguimos tirá-lo”, explicou. O agressor tentava danificar os controles, e Hayun o dominou com uma manobra de estrangulamento. Enquanto outros israelenses amarravam o copiloto, Yaniv puxou o manche para estabilizar o Boeing — ao premiê, disse que aprendeu isso assistindo a um programa sobre acidentes aéreos. Por fim, os pilotos que viajavam entre os passageiros assumiram a cabine e conduziram o pouso de emergência.

Netanyahu disse estar “em contato constante” com as autoridades sauditas, que atualmente interrogaram o copiloto — ele disse ter agido sozinho. O premiê conversou também com o presidente dos Emirados Árabes Unidos, país de origem do voo, com o qual Israel normalizou relações recentemente. “Ordenei aos serviços de segurança que se preparem para qualquer possível ameaça adicional”, acrescentou o premiê. Uma primeira orientação foi para o reforço dos controles de segurança nos embarques para Israel, seja qual for o país de origem do voo e da companhia aérea. Especialistas em segurança estranharam a ausência, a bordo, de um agente de

EUA saem do Iraque

O presidente Donald Trump comemorou como “vitória”, ontem a retirada das tropas dos Estados Unidos e de países aliados mantidas no Iraque por mais de uma década para combater o grupo terrorista Estado Islâmico (EI). “Este dia é uma vitória para os EUA, uma vitória para o Iraque e uma vitória decisiva sobre o EI”, afirmou Trump em postagem na própria rede social, a Truth Social. Depois de elogiar o “maravilhoso” primeiro-ministro iraquiano, Ali al-Zaidi, o presidente justificou a decisão: “Eu tinha a opção de ficar ou ir embora, e senti que, sem dúvida, havia chegado a hora de (as tropas americanas) voltarem para casa”.

Em Bagdá, o premiê, que assumiu o posto neste ano, com apoio de Washington, decretou o 1º de outubro como Dia da Soberania — o primeiro sem a presença de forças estrangeiras — e anunciou “um novo capítulo” na história do país. “Começou uma nova etapa, definida pela soberania do Iraque, pela força de suas instituições, pela preparação de suas forças, pela unidade na

tomada de decisões e por alianças equilibradas com seus amigos”, afirmou, durante uma cerimônia.

As forças da coalizão foram mobilizadas no Iraque e na Síria para combater o EI, que em 2014 tomou o controle de grandes faixas de território nos dois países. O grupo cometeu vários massacres, dizimou a minoria étnico-religiosa yazidi e escravizou mulheres e crianças nas áreas que chegou a controlar. Até serem derrotado, em 2017 no Iraque e 2019 na Síria, os extremistas proclamaram um “califado” com sede na cidade síria de Raqqa.

Os governos de Bagdá e Washington concordaram em 2024 em acabar com a missão, e a retirada foi feita gradualmente. No período final, foram mantidas apenas as bases militares na região autônoma do Curdistão, no norte do país. Combatentes curdos foram parte importante da ofensiva contra os jihadistas, assim como uma coalizão de milícias xiitas alinhadas ao Irã. Com a saída das forças estrangeiras, o governo de al-Zaidi

ram mantidas apenas as bases militares na região autônoma do Curdistão, no norte do país. Combatentes curdos foram parte importante da ofensiva contra os jihadistas, assim como uma coalizão de milícias xiitas alinhadas ao Irã. Com a saída das forças estrangeiras, o governo de al-Zaidi

Irã sob suspeita em Londres

O primeiro-ministro do Reino Unido, Andy Burnham, afirmou pela primeira vez que as investigações da polícia antiterror reforçam as suspeitas que o regime islâmico iraniano seria o “país estrangeiro” por trás de uma tentativa de ataque a uma base da Real Força Aérea (RAF) usada também pelos Estados Unidos, na cidade inglesa de Fairford. A suposta conspiração teria sido abortada no fim de semana, com a detenção de cinco suspeitos, libertados sob fiança na segunda-feira.

“Há fortes indícios de que o Irã desempenhou um papel no que aconteceu no fim de semana na base da RAF em Fairford”. A instalação foi usada pela Força Aérea dos EUA nos bombardeios contra o Irã, a partir de fevereiro. Os detidos foram identificados como cidadãos britânicos, com idade entre 23 e 25 anos. A polícia não fez nenhuma menção quanto a uma possível origem familiar estrangeira de algum deles, mas o secretário de Estado dos EUA, Marco Rubio, já havia apontado uma “clara ligação externa” dos suspeitos.

O chanceler iraniano, Abbas Araghchi, rebateu as declarações de Burnham afirmando que o premiê britânico “está latindo para a árvore errada”. “Posso confirmar nossa crença de que libertar supostos terroristas a serviço de outro país é uma decisão que diz tudo”, provocou, em postagem nas redes sociais. A embaixada de Teerã em Londres negou “categoricamente” as suspeitas do premiê e condenou “com veemência o que chamou de “especulações”.

Curiosamente, a concessão da liberdade sob fiança para os detidos recebeu críticas também de Donald Trump. “Estou surpreso”, disse o presidente à imprensa, na Casa Branca, na própria segunda-feira. “Eu não teria feito isso.” Burnham reforçou que seu governo “está conversando com as contrapartes nos EUA para explicar o que está sendo feito por aqui”, e renovou sua “total confiança na maneira como nossos serviços de segurança estão conduzindo esse assunto”.

Começou uma nova fase, definida pela soberania do Iraque e pela força de suas instituições

Ali al-Zaidi,
primeiro-ministro